

A INFLUÊNCIA DA CULTURA CORPORAL SOBRE A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

THE INFLUENCE OF THE CORPORAL CULTURE IN THIS PHYSICAL EDUCATION CLASSES

Marcelo Fagundes Perim¹

Hugo Norberto Krug²

Resumo

Neste estudo nos propomos a analisar a cultura corporal dos alunos e o esporte na escola, sua influência na constituição e modos de ocupação do espaço físico da Educação Física escolar. A pesquisa caracterizou-se por ser qualitativa, do tipo etnográfico adaptado à educação e a forma de investigação foi o estudo de caso. Foram entrevistados e acompanhados quatro professores, entre os cinco que trabalham na escola estudada, e entrevistados quatro alunos, que foram escolhidos aleatoriamente. Embora, não possamos fazer generalizações, por tratar-se de um estudo de caso, situações idênticas as encontradas neste estudo, são facilmente verificadas na Educação Física escolar no Brasil. Através das entrevistas de alunos e professores, e análise das aulas observadas, constatamos que a cultura corporal dos alunos não influencia o conteúdo escolar e, conseqüentemente, o espaço físico. Por outro lado, o esporte “instituição”, além de estar na escola, determina o modo de ser e agir dos atores.

Palavras-chave: Educação Física escolar, espaço físico, conteúdo e cultura corporal.

Abstract

In this study we propose to analyse the student's corporal culture and sports at school their influence in this constitution and occupation mode of the physic space of the physical education at school. The research is characterised as qualitative, ethnographic-typed, conformed to education and the kind of investigation. Four teachers, among the five that worked at the school, and four students were interview and picked at random. Then, we couldn't do any generalisation because it was a study, identical situations to the ones found in this study. Are easily checked on the physical education at school in Brazil. Trough the interviews with the students and teachers, and the analysis of the classes observed we identified that the student's corporal culture doesn't influence the school content and, consequently, the physical space. On the other hand, the sports “institution” besides being at school, determines the way of being and acting of the actors.

Key words: Physical Education classes, physic space, content and corporal culture.

¹ Especialista em Pesquisa e Ensino do Movimento Humano pelo Centro de Educação Física e Desportos da UFSM.

² Doutor em Educação / Professor Adjunto do MEN/CE/UFSM.

Introdução

Quando me perguntava “por quê?” realizar este estudo, lembrava dos tempos de escola. Passei praticamente toda a minha vida escolar na mesma escola, principalmente no pátio dela. Uma escola grande, um quarteirão inteiro, com ginásio, pista de atletismo, quadras poliesportivas e muito, muito espaço livre, com árvores e gramados verdejantes. E aqui, de repente, encontro a resposta às minhas indagações! Os melhores momentos que passei na escola foram no pátio, não necessariamente nos horários de aulas, e raramente nas aulas de Educação Física.

Baseado na minha história pessoal, muito parecida com a de outros professores, e considerando também o que coloca Santos (1982: 22) a respeito do espaço, que ao longo do tempo grava “as marcas das práxis acumuladas”, me pergunto: **ONDE** no conteúdo da Educação Física escolar está contemplada a cultura corporal da criança e do adolescente, e como a constituição do espaço físico valoriza esta cultura, e ainda, como o esporte normatizado, com o seu espaço físico consagrado na escola, influencia o conteúdo da escola e da Educação Física?

Analisando o conteúdo da Educação Física nas escolas por onde passei, e a sua relação com o espaço físico da escola, várias vezes encontrei práticas incoerentes e conteúdos que eram escolhidos aleatoriamente sem qualquer preocupação com os objetivos colocados, pela escola e às vezes pelo próprio professor de Educação Física.

Raramente encontrei, principalmente na prática dos professores de Educação Física e também no projeto das escolas e no da Educação Física, preocupação com o mundo vivido dos seus alunos. Entretanto o esporte, que além de ter garantido o seu espaço físico, era trabalhado em todos os níveis escolares, sem se notar preocupação, tanto da escola como dos professores, com a adequação destas práticas às crianças que eram atendidas.

Somado a esta situação, ainda podemos notar ao observarmos a constituição física das escolas, que as mesmas esgotam-se no seu formalismo, isto é, os espaços burocráticos necessários, as salas de aula, pátio, quadras, tudo isto sem levar em consideração “para que” e “para quem” existem, quer dizer os códigos e significados que lhe dão razão existencial.

O objetivo desse estudo é analisar a cultura corporal dos alunos nas aulas de Educação Física e o esporte na escola e sua influência na constituição e modos de ocupação do espaço físico.

Explicitando a Metodologia

Compreendendo a escola como um local impregnado por significados e relações construídas pelos sujeitos, este estudo só poderia ser qualitativo. Para Chizzotti (1998) a abordagem qualitativa parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade.

O estudo foi do tipo etnográfico, adaptado à educação, como propõe André (1999), e não etnografia no seu sentido estrito. A forma de investigação foi o estudo de caso.

Fizemos uso das técnicas tradicionalmente usadas em etnografia: a observação participante e a entrevista semi-estruturada. Foram entrevistados os professores e alunos das aulas observadas, pois sendo todos parte do fenômeno, são fundamentais na sua constituição, inferindo-se, que é a partir das necessidades destas pessoas que são construídas as práticas dentro da escola. Também foram utilizadas outras

duas técnicas, que são, à análise de documentos e às anotações de campo ou diário de campo. Segundo Feil (1995: p.13) o diário de campo “é o instrumento pelo qual o pesquisador registra, descreve, ordena dados, toma novas decisões e produz conhecimentos,..., é nele ou através dele que o pesquisador resgata e constrói a história do grupo, tira implicações teóricas e define alternativas de intervenção”.

As informações registradas no diário foram referentes à descrição das aulas de Educação Física, como elas aconteceram em relação ao espaço; a descrição dos locais onde aconteceram, bem como os materiais utilizados; a descrição das atividades e do comportamento de alunos e professores durante as mesmas. A análise destes dados orientou as ações do pesquisador.

A Escola “Felicidade”, localizada em Santa Maria-RS, foi o “palco” onde se desenvolveu a investigação, sendo quatro professores de Educação Física e quatro alunos o “elenco”. A escolha deste “palco” deu-se em razão da facilidade para a inserção do pesquisador, pois o mesmo já era conhecido, bem como a possível adesão espontânea do “elenco”.

Referencial Teórico

Os paradigmas curriculares da escola e da Educação Física

Analisar as influências sobre o conteúdo da Educação Física nos remete ao estudo do currículo, isto é, ao estudo dos paradigmas curriculares inseridos na prática escolar.

Segundo Domingues (*apud* Baecker, 1997) os paradigmas curriculares, conforme o interesse humano, classificam-se em: *Técnico-linear*, *Circular-consensual* e *Dinâmico-dialógico*. Já, Baecker (1997), cita a relação entre os paradigmas citados e as tendências pedagógicas que norteiam a Educação Física escolar e para isso, utilizou-se da classificação de Castellani Filho (1988), que dividiu as tendências em três: *Biologização*, *Psico-pedagogização* e *Transformadora*.

O *Paradigma Técnico-linear* é orientado pelo interesse técnico ou instrumental (Escola Tradicional/Tecnista) e está ligado às ciências naturais. Na Educação Física escolar as influências da Pedagogia Tradicional ficam evidentes na preocupação com a promoção da saúde e a performance esportiva. Está relacionado com a tendência da Biologização na Educação Física, que se caracteriza por reduzir o estudo do homem em movimento somente aos seus aspectos biológicos. Esta tendência valoriza a performance esportiva e procura colocar a Educação Física como agente promotor de saúde, alicerçada na atividade física como instrumento para uma vida saudável. Duas propostas metodológicas para a Educação Física escolar se encaixam nesta tendência, que são a “*Educação Física da Pré-Escola à Universidade*” (Borsari et al., 1980) e a proposta de “*Educação Física direcionada à promoção da saúde*” (Guedes & Guedes, 1994).

O *Paradigma Circular-consensual* é orientado pelo interesse no consenso. O aluno é o foco do processo educativo, criador e construtor do seu próprio currículo. As influências do pensamento pedagógico da *Escola Nova* na Educação Física são percebidas na tendência da Psico-pedagogização, que caracteriza-se pela discussão sobre os melhores métodos em nível de desenvolvimento humano e os aspectos psicológicos e pedagógicos da Educação Física. Nesta tendência a escola é caracterizada como um sistema fechado, desconsiderando as influências sócio-culturais da sociedade em que os sujeitos estão inseridos.

A tendência da Psico-pedagogização é encontrada em três movimentos dife-

rentes, mas que tem o mesmo objetivo: os aspectos pedagógicos da Educação Física. O primeiro movimento, de caráter humanista, deixa de priorizar o produto para se preocupar com o processo de ensino, introduzindo o processo de ensino não-diretivo. O segundo movimento é a psicomotricidade, que preocupa-se com o desenvolvimento cognitivo do homem. Nesta concepção a “educação do movimento” é substituída pela “educação pelo movimento”, propondo-se, a partir de jogos de movimentos e exercitações, contribuir para a educação integral. O terceiro movimento é a abordagem desenvolvimentista, estruturada na descrição dos processos de desenvolvimento da criança. A preocupação desta concepção é fornecer, à Educação Física, uma fundamentação teórica, a partir de estudos sobre a seqüência do desenvolvimento, com seus estágios e características de maturação fisiológica e motora, contribuindo para a fundamentação pedagógica desta. Duas propostas para a Educação Física escolar se encaixam nesta tendência, que são a “*Educação Física de Corpo Inteiro*” (Freire, 1989) e a “*Abordagem Desenvolvimentista*” (Tani et al., 1988).

O *Paradigma Dinâmico-dialógico* é orientado pelo interesse na emancipação. Este modelo é constituído pela relação dialética entre o interesse técnico e o de consenso, permitindo ao homem relacionar a teoria e a práxis da vida. Neste paradigma estão os fundamentos da educação progressista, onde o conteúdo é considerado como o centro do processo, reavaliado de acordo com as necessidades sociais e ligado ao seu significado humano e social, sendo relacionado com o mundo do aluno, e de acordo com as características da escola, da estrutura social e da realidade. A tendência pedagógica Progressista influenciou a Educação Física *Transformadora*, de tal modo, que é possível identificarmos os mesmos valores em ambas.

Os valores identificados nesta abordagem são a valorização do aluno sujeito, independente, participativo e nas aulas de Educação Física, principalmente a criatividade, a integração, a capacidade de comunicação, reflexão, crítica, co-decisão e co-educação. Socialmente a cultura corporal, produto do conhecimento acumulado pela humanidade, é valorizada.

Os valores citados caracterizam a visão crítico-transformadora da Educação Física, que pode ser reconhecida em três propostas metodológicas: “*Concepções Abertas do Ensino de Educação Física*” (Hildebrandt & Laging, 1986), a Educação Física crítica-superadora na obra “*Metodologia do Ensino de Educação Física*” (Coletivo de Autores, 1992) e a Educação Física crítica-emancipatória na obra “*Transformação Didático Pedagógica do Esporte*” (Kunz, 1994).

Educação Física e cultura corporal

De acordo com Daolio (1995) o nosso corpo encerra elementos da sociedade da qual fazemos parte. Através dele assimilamos normas e costumes específicos do meio que nos cerca num processo de “inCORPORAÇÃO”, como por exemplo, os gestos que fazemos ou a maneira como caminhamos. O mesmo esporte pode ser jogado de mais de uma maneira, adaptado ao biótipo dos moradores de determinada região ou, obedecendo a critérios culturais e religiosos, ser vetado às mulheres, ou ainda ser praticado com valores diferentes, visando a performance ou por simples lazer. Seja como for, podemos afirmar que tudo é influenciado pela cultura, inclusive a Educação Física, pois os elementos da cultura física que são os seus conteúdos, a ginástica, os jogos, a dança, a recreação e o esporte, são uma parte da cultura universal, que também é construída por ela.

Para Betti (1998) a mídia tem um papel de destaque na transmissão de elementos da cultura física, e portanto, grande influência na construção da cultura corporal de crianças e adolescentes. Entende que é importante para a atualização das

propostas de Educação Física, interpretar as mensagens televisivas sobre esporte, decifrando os significados presentes e refletindo sobre as suas implicações para a Educação Física escolar. É importante, principalmente, identificarmos as representações de esporte da mídia, em especial a televisão, onde o esporte é instrumento de publicidade, que tece associações com a imagem do indivíduo saudável e vitorioso.

Outro ponto importante levantado por Betti (1998), refere-se ao entendimento de “esporte”, que pela ampliação do seu conceito preenche categorias criadas pela mídia e experimenta o fenômeno da polissemia. Precisando criar espaços para a comercialização dos seus produtos, a mídia passa a chamar qualquer atividade corporal de esporte.

Educação Física e o esporte...

a) na escola

A Educação Física escolar também colabora com a sua parte para a construção do conceito dominante de esporte, senão para atender as exigências do sistema, talvez então para atender as próprias, buscando no fenômeno esportivo a sua legitimidade pedagógica (Bracht, 1992). Deste modo, a tarefa da Educação Física escolar se limita a desenvolver a capacidade de se praticar esportes. Sobre isto, o autor diz que “a Educação Física assume os códigos de uma outra instituição (a esportiva), e de tal forma que temos então não o esporte da escola e sim o esporte na escola, o que indica a sua subordinação aos códigos/sentidos da instituição esportiva (p.22)”. Desta maneira, o autor procura demonstrar que o esporte, da forma como é desenvolvido na escola, serve apenas como instrumento de legitimação do sistema capitalista de produção.

Vago (1996) também mostra-se preocupado com o esporte na escola, mas procura nos mostrar que o mesmo é uma prática cultural, e assim sendo, acaba permeado pelos valores da sociedade onde se desenvolve e é praticado de acordo com as condições sócio-culturais de cada comunidade. A escola é um dos locais onde se dá esta apropriação da prática cultural de esporte, e é o tratamento que a Educação Física escolar dá a ele, a partir dos códigos e significados da cultura escolar, que no entendimento do autor deveria constituir-se na tarefa da Educação Física.

Também Betti (1997) entende que o esporte não deva ser negado na Educação Física escolar pois, o mesmo pode ser uma prática de transformação social, principalmente quando o professor o encara como tal. Por outro lado, devemos lembrar que o esporte não é um fenômeno natural, e sim criado pela sociedade industrial, reproduzido, portanto, dos princípios que regem a mesma.

Dentro deste enfoque é ensinado nas escolas, aceito como verdade inquestionável e sem espaço para transformações didáticas (Kunz, 1991). Assim, condicionam-se mutuamente, numa relação simbiótica, a Educação Física e o esporte, cumprindo a escola o papel de construtora da base da pirâmide esportiva.

b) da escola

Se analisarmos a história do esporte no Brasil, constataremos que o mesmo sempre ocupou um grande espaço nas relações sociais. Esta capacidade de inserção não passou inerte, principalmente na sociedade capitalista, atendendo aos interesses do capital.

Mas, apesar de todo aparato político e econômico ao redor do esporte, também encontramos, nos setores populares, tentativas de adequação da prática esporti-

va. Junto, a estes movimentos encontramos alguns estudiosos da Educação Física (Coletivo de Autores, 1992; Kunz, 1994; Daolio, 1994) que passaram a problematizar a relação histórica de interdependência da Educação Física escolar e o esporte. Desta forma, a escola, pela sua estreita relação com o meio social, não poderia deixar de ser local e instrumento de consolidação do esporte como prática cultural e, concomitantemente, como conteúdo da Educação Física escolar (Vago, 1996).

Assim, chegamos ao ponto mais importante: A Educação Física para garantir a sua legitimidade deve então abrir mão da sua autonomia, admitindo que a relação possível com o esporte é a aceitação tácita dos seus códigos e significados, não havendo espaço para a construção de um esporte da escola com regras e significados próprios?

Vago (1996) diz que ao invés de aceitarmos o “esporte na escola” em detrimento do “esporte da escola” devemos construir uma relação de tensão permanente entre eles. A preocupação então, deve ser a relação da escola com o esporte, enquanto prática cultural e processo de ensino.

Neste sentido, Bracht (1992) afirma que a Educação Física, antes de ensinar qualquer conteúdo, deveria realizar uma “filtragem crítica” nas suas atividades, contribuindo com esta iniciativa para a construção de sua identidade pedagógica. Esta posição é reforçada por Kunz (1994) com a sua proposta de “transformação didática do esporte”. É o que Forquin (*apud* Vago, 1996) chama de “transposição didática”, isto é, a reorganização ou adequação do conhecimento, produzido em determinado momento, para a melhor assimilação das gerações mais jovens. No entanto, Vago (1996) observa que, se esta filtragem é importante, ainda assim não é o bastante para garantir que a escola, no caso a Educação Física, produza a sua própria cultura.

É com Nóvoa (*apud* Vago, 1996), que enfatiza a importância do trabalho de produção da cultura escolar, que podemos afirmar que a escola, a partir disso, pode construir uma relação de tensão entre o conhecimento socialmente produzido e o conhecimento escolar. Significa afirmar que a escola pode ser reconhecida como um local de produção de cultura. Para a Educação Física escolar é a possibilidade de construção de novos modos de apropriação do esporte.

É a construção de uma nova prática cultural, o “esporte da escola”, e como tal faz parte também do conhecimento da sociedade onde está inserido. Esta afirmação nos remete ao entendimento de que, produzindo a sua própria cultura esportiva, Educação Física escolar fica então apta a intervir na cultura esportiva da sociedade.

Educação Física e espaço

Segundo Santos (1982), o espaço – compreendido como algo com uma constituição física, como a “paisagem” – é a soma das conseqüências da atividade humana sobre a Terra. A paisagem não é fixa e, modifica-se cada vez que a sociedade passa por um processo de mudança para adaptar-se à nova realidade. Os diversos locais do nosso cotidiano são concebidos para atender as necessidades da produção, assim, a sua finalidade última é atrair e seduzir o consumidor.

De acordo com Santos (1982), o espaço social é definido por três conceitos: a forma, a estrutura e a função. A interpretação dos espaços ou de sua evolução só é possível através da análise simultânea destas três categorias analíticas. Segundo Lefèbvre, (*apud* Santos, 1982) as três categorias identificam-se completamente e equivalem-se ao “todo” existente. Os movimentos da totalidade social levam a modificação das relações entre os elementos da sociedade, alterando os processos, levando-os a novas funções. Santos (1982) diz que não são apenas os instrumentos de trabalho que

exercem um domínio sobre o homem, mas o produto cristalizado de seu trabalho que impõe-lhe uma práxis que governa os seus movimentos e determina o modo como ele agirá.

O espaço em si - ou a sua geografia - deixou de ter um simples papel funcional, passando a carregar símbolos e representações de conteúdos e valores que não lhes são próprios. No caso da escola estes símbolos e significados de que falamos estão alicerçadas nos conteúdos. Segundo Santin (1992) o conteúdo específico da Educação Física é o movimento, capaz de alterar profundamente os espaços escolares. Estas alterações acontecem principalmente em função da intencionalidade de quem executa o movimento, que pode ser uma simples ação mecânica, ou expressão artística. O gesto pode ser a manifestação de uma idéia, de um significado, um sentimento. Desta forma, a aparência do espaço passa a estabelecer o que estes conteúdos representam, a partir de um processo de fetichização, ocultando o seu significado verdadeiro.

Richa (Santos, 1982: 20) nos diz que, “na civilização industrial desenvolvida pelo capitalismo, o homem libertou-se de suas dependências dos elementos naturais, mas passou a depender de suas próprias criações, das matérias que fabricou e das forças que pôs em movimento”. Trapp (1993), constata na Educação Física escolar esta dependência, lamentando que a forma de ser da Educação Física seja a desportivizada. Diz que, “para consagrar este modelo de Educação Física, é suficiente ter uma visão unidimensional do espaço de jogo e movimento. Formas pré-concebidas de movimento exigem tão somente formas pré-concebidas de ambientes de jogo” (p. 79).

A Investigação

A Escola

Ao chegarmos à escola, que localiza-se em um bairro periférico de Santa Maria, o primeiro cenário que encontramos, ao adentrarmos a mesma, é um largo estacionamento, com um prédio comprido de um lado e do outro, divisando com a rua, um alto muro sem pintura. Paisagem estéril que, em princípio, pouco pode oferecer.

O prédio tem dois acessos para o interior da escola. O primeiro, uma porta que vai dar para o interior do prédio, levando à sala da direção. O segundo, um portão, que divide o prédio ao meio, leva ao pátio, e somente é aberto nos horários de entrada e saída dos alunos. Ao chegarmos ao pátio, a impressão de infertilidade, aos poucos vai se desfazendo. Chegamos ao pátio coberto. Trata-se de um prédio com 40x11 metros, sem as paredes laterais.

Outros cenários estão ali, próximos. Um pátio gramado, onde foram fixados postes para a rede de voleibol, e o prolongamento deste, um campo de futebol de areia. O pátio gramado tem uso limitado, restringindo-se à aulas onde o conteúdo é voleibol e, esporadicamente, aulas com as séries iniciais. Em uma das extremidades está a parede do pátio coberto e na outra, a cerca de tela de arame, que separa a escola da rua. A quadra de areia fica ao lado da quadra de grama.

Estes três cenários, ficam no primeiro nível da escola - ou o nível mais alto - em relação ao terreno. Saindo do pavilhão em direção às salas de aula, descemos por uma escada coberta, que leva à um segundo nível (mais baixo), onde encontramos um complexo com seis prédios. Os quatro primeiros com salas de aula e banheiros. Nos dois últimos, no prédio à esquerda, fica a sala de Educação Física e a sala de audiovisual e no prédio à direita, funciona a biblioteca.

Entre os prédios 3 e 4, que são salas de aula, e a sala de Educação Física e a biblioteca, estão um pátio gramado e a praça da escola. Passando entre a biblioteca e sala de Educação Física, chegamos a um estreitamento, e o terreno da escola reduz-se na sua largura pela metade. Este é o terceiro nível do terreno, mais baixo ainda. Uma outra escada, e estamos diante dos últimos dois prédios da escola, ambos divididos em duas salas. No da esquerda uma oficina de marcenaria e a sala do banco de livros; à direita, a sala do clube de mães, também utilizada pelo grupo de teatro para ensaios, e a sala para aulas de datilografia. Passando por eles novo declive, e chegamos, finalmente, à quadra poliesportiva, situada nos fundos do terreno. Ao lado da quadra, algumas árvores e um espaço tomado pelo mato, demarcam o fim do terreno da escola.

Pela descrição apresentada, percebemos que a escola, ao contrário da realidade encontrada na maioria das escolas públicas, dispõe de privilegiado espaço físico para as aulas de Educação Física. Esta constatação nos permite fazer inferências a respeito das possibilidades da Educação Física trabalhar de várias formas, explorando as potencialidades do espaço físico à disposição.

Os professores e alunos

Os professores da escola são 78 (sendo 5 de Educação Física) e 1102 alunos. Nos concentramos, principalmente, na atuação de quatro professores de Educação Física, ficando o quinto de fora, pois chegou na escola no meio do ano, não tendo participado da investigação desde o princípio. Os alunos que fizeram parte do estudo foram escolhidos aleatoriamente.

O primeiro professor é do sexo feminino e tem 38 anos. Está no magistério há 13 anos e na escola há 4 anos, com 20 horas semanais, ministrando aulas de 1ª à 3ª série do ensino fundamental. Tem somente o curso de licenciatura em Educação Física concluído na UFSM.

O segundo professor é do sexo masculino e tem 41 anos. Está no magistério há 17 anos e na escola há 4 anos. Tem 40 horas no Estado, todas na escola estudada, trabalhando de 4ª à 5ª séries do ensino fundamental e 1ª à 3ª série do ensino médio. Fez o curso de licenciatura em Educação Física na UFSM. Possui dois cursos de especialização.

O terceiro professor é do sexo feminino e não informou sua idade, mas aparenta ter entre 35 e 40 anos. Este ano começou a lecionar na escola trabalhando da 6ª série até à 3ª série do ensino médio. Tem 20 horas na escola. Formou-se em Educação Física na UFSM e faz pós-graduação.

O quarto professor é do sexo masculino e tem 53 anos de idade. Está no magistério há 27 anos e na escola há 4 anos, com 40 horas semanais, com turmas de 8ª série e ensino médio. Tem somente a graduação em Educação Física concluída na FUNBA atual URCAMP de Bagé.

Os alunos, que em princípio deveriam ser os personagens principais, são na verdade coadjuvantes, e poucas chances têm de desempenharem papéis mais importantes. São na maioria filhos de famílias de baixa renda, moradores das duas vilas que compõem o bairro onde está a escola. Participam do estudo 4 alunos, 2 do sexo masculino ("Al" e "Ti"), ambos do ensino fundamental e 2 do feminino ("Vi" e "An"), alunas do ensino médio.

O contato com os atores

O contato inicial é com a supervisão. A partir daí, as visitas à escola passam a acontecer com uma periodicidade de dois a três dias por semana. No princípio, estas visitas tinham o objetivo de proporcionar às pessoas envolvidas momentos de mútuo conhecimento.

Nos familiarizamos com os horários dos professores e os locais utilizados. As aulas de Educação Física tem carga horária diferenciada, pois da pré-escola à 3ª série do ensino fundamental são duas aulas semanais e da 4ª série do ensino fundamental em diante são três aulas semanais. As aulas da pré-escola até à 5ª série são ministradas no mesmo turno das outras disciplinas, enquanto as outras séries subsequentes são em turno diferente. Até à 5ª série as turmas são mistas, sendo separadas por sexos a partir da 6ª série. Na utilização dos locais de aula, havia um acordo informal entre os professores. Para as séries iniciais convencionou-se que os espaços utilizados seriam o pátio coberto e a sala de Educação Física, e para a 4ª série em diante, o pátio de grama, a quadra de areia e a quadra de cimento.

As observações deveriam acontecer com uma certa paridade, no tocante ao número de aulas observadas de cada professor, mas devido ao horário incerto de alguns professores, paralisações das aulas por parte de outros professores para dedicarem-se a outras atividades, como treinamento de equipes ou outras funções exercidas fora da escola, estes tiveram um número menor de aulas observadas. Começamos, nesta etapa, as entrevistas com professores e alunos.

Algumas descobertas

O conteúdo trabalhado pelo **primeiro professor** é a psicomotricidade. Este é um dos movimentos da tendência da Psico-pedagogização, onde a educação pelo movimento propõe-se, “a partir de jogos de movimentos e exercitações, contribuir para a educação integral” (Bracht, 1992, 27). A escolha deste conteúdo justifica-se pelas necessidades encontradas na escola.

“Partindo da necessidade que se encontrava, estabelecemos determinados conteúdos a serem desenvolvidos. Estamos trabalhando a psicomotricidade. Essas atividades são desenvolvidas como reforço pedagógico ao conteúdo que a professora trabalha na sala de aula”.

O trabalho do primeiro professor é orientado pelo Paradigma Circular-Consensual, onde encontramos os princípios da Escola Nova. Os conteúdos não vêm de fora da escola, mas de uma vivência. Não há conteúdo específico, organizado ou herança cultural (Baecker, 1997).

O segundo professor trabalha com iniciações pré-desportivas. “... a gente propõe atividades diferentes, ou seja, as iniciações pré-desportivas. Eles já vêm com o futebol, ou com o voleizinho jogado na rua. Então em cima dessas modalidades complementamos. Aí entra o vôlei, a nível pré-desportivo. Entra o handebol, entra o basquete e as atividades ligadas ao atletismo”.

Este modelo esportivizado da Educação Física escolar é encontrado na tendência da Biologização, que segundo Baecker (1997) está relacionada com o Paradigma Técnico-linear, da Escola Tecnicista. A preocupação evidente desta escola, dentro da Educação Física, é com a performance esportiva. O professor diz que as suas referências são do tempo da faculdade, mas admite que os alunos podem influenciar a escolha do conteúdo, referindo-se a prática da capoeira.

“É aquilo que eu aprendi no tempo da faculdade. Claro que acompanhando

um processo que tá evoluindo. Tanto que se pensa, para o ano que vem, capoeira fazer parte do conteúdo”.

Conforme Daolio (1995) encerramos em nós elementos da sociedade da qual fazemos parte. Esta “inCORPORAÇÃO” da capoeira pelo contexto escolar, não acontece de forma gratuita, pois, através desse processo, assimilamos costumes específicos do meio que vivemos. O professor corrobora tais afirmações. “... a capoeira, já tá no quadro da escola. Os alunos trouxeram. Os alunos de 4ª série já estão praticando. Então, é o primeiro posicionamento: a necessidade”.

Com o **terceiro professor** não foi possível definirmos qual escola orienta seu trabalho. O professor não explicava suas aulas, dizendo que o conteúdo era definido pela escola, e o planejamento já estava pronto. “Esse conteúdo já é pré-determinado de acordo com as séries pela escola. Só que eu tento adaptar, porque (...) eu peguei turmas atípicas, a 6ª série que tem 15 anos. (...) Então eu tento conciliar ... de acordo com a vontade deles, de acordo com o conteúdo que a escola sugere (...). Eu como entrei esse ano na escola, eu já pego uma coisa pronta”.

O professor somente nomeia conteúdos, quando fala em espaço físico. “... esse bimestre tem que trabalhar basquete, só que nós só temos aros de basquete e a tabela lá embaixo. Aí, essa quadra não é minha. Então, fica uma coisa bem difícil de tu trabalhar. (...)”.

Podemos inferir, após esta declaração, que o espaço físico, se não influencia o planejamento, no mínimo determina alterações neste. Por associação, podemos afirmar que se o espaço físico determina o conteúdo, obviamente esse estará associado ao espaço.

O **quarto professor** não relaciona os conteúdos com os quais trabalha, mas justifica, desde o primeiro momento, suas possíveis escolhas, baseadas nos locais que têm a disposição para trabalhar. “Aqui na escola a gente tem que se adequar as condições de espaço físico que nós temos”. Com esta fala o professor deixa implícito sua opção pelo esporte, como conteúdo das aulas.

Falando do espaço físico, o professor novamente deixa transparecer sua preferência pelo esporte, admitindo que o espaço define o conteúdo das suas aulas. “Tu não pode imaginar uma coisa que tu não vai fazer na escola. Então tu tem que te adequar ao espaço físico da escola”. “...inclusive quando a gente precisa de um espaço maior, a gente busca dentro da comunidade. (...) até para treinamento de equipe (...) então a gente busca esses espaços fora. (...) a própria brigada”.

Na concepção de trabalho desse professor, onde é possível identificar os princípios da Escola Tecnicista, cabe a Educação Física escolar construir a base da pirâmide esportiva. Nesta visão, a Educação Física é instrumento do sistema esportivo, para a revelação de atletas (Kunz, 1991). Assim, os espaços escolares para a Educação Física representam os conteúdos ali trabalhados. Trapp (1993) e Kunz (1994) estabelecem a relação entre a Educação Física desportivizada e a necessidade de espaços padronizados, e alertam para o condicionamento e dependência que traz a relação da Educação Física com o esporte.

Os alunos falaram sobre os mesmos temas propostos aos professores e em pouca coisa suas falas foram diferentes dos professores.

Falando sobre o conteúdo: “O professor chega, só larga a bola pra nós e nós jogamos” (Ti 8ª). “A professora trabalhou futebol, vôlei. Mas, ela nunca ensinou nada mais, só jogo. Vôlei pras gurias e futebol pros gurus” (Al 7ª). “Teve uma reunião com os pais, aí eles sugeriram fazer atividades diferentes. Deram a idéia para o professor e

agora a gente faz caminhadas, às vezes” (Vi 101). “No ano passado a gente tinha bastante atividades, ele perguntava o que a gente queria fazer. Tinha dia que a gente jogava handebol, futebol, vôlei. Ah, tinha as caminhadas” (An 201).

Falando sobre o que mudou na Educação Física: *“Antigamente, a gente fazia muita ginástica. Os professores antigamente não usavam o esporte, como o futebol, vôlei, o handebol. Eles usavam a ginástica” (An 201). “Handebol, basquete, tudo que é tipo de esporte. Em cada bimestre” (Al 7ª). “No ano passado a professora fazia gincana. Era diferente desse ano. Não era como esse ano que só é jogo. Era mais brincadeira” (Ti 8ª).*

Falando sobre o que gostariam de fazer, e o que é possível: *“Eu gostaria de fazer basquete” (Al 7ª). “Eu queria que tivesse judô” (Ti 8ª). “Participar de jogos com outras escolas” (Vi 101).*

Falando sobre os locais da escola, usados pelos professores nas aulas: *“A quadra de areia lá embaixo, e tem um gramadinho” (Al 7ª). “Aqui (quadra de areia). E na quadra ali embaixo” (Ti 8ª).*

Falando sobre o que costumam fazer fora da escola: *“A gente faz teatro, a gente também dança bastante” (Vi 101). “É tudo a mesma coisa aqui do colégio. Vôlei, principalmente” (Ti 8ª).*

À guisa de conclusão

Colocando como pano de fundo, os objetivos deste estudo, podemos afirmar de primeira que a cultura corporal dos alunos não influencia o conteúdo escolar e, conseqüentemente, o espaço físico. Por outro lado, o esporte “instituição”, além de estar na escola, determina o modo de ser e agir dos atores. Para Bracht (1992: p.22), isto acontece com as bênçãos da própria Educação Física, que busca legitimidade abraçando o esporte como conteúdo, levando à “subordinação aos códigos/sentidos da instituição esportiva. (...) O que pode ser observado é a transplantação reflexa destes códigos do esporte para a Educação Física”

Isto não quer dizer ser impossível à escola, projetar meios de reação e reescrever esta história a partir do próprio esporte. Este como prática cultural, permeado pelos valores da sociedade onde se desenvolve e praticado de acordo com as condições de cada comunidade (Vago, 1996). O 2º professor em determinado momento, nos acena com esta possibilidade, quando diz, *“... a capoeira, já tá no quadro da escola. Os alunos trouxeram Os alunos de 4ª série já estão praticando. Então, é o primeiro posicionamento: a necessidade”.*

Entretanto, somente a apropriação de determinado conteúdo, em função deste ser praticado pelos alunos, não basta para assegurar que o mesmo assuma códigos e valores próprios da cultura escolar, visto que, são os alunos que são influenciados pelo conteúdo escolar, reproduzindo os códigos do “esporte instituição” no seu cotidiano, contaminando, desse modo, a cultura da comunidade onde vive. *“É tudo a mesma coisa aqui do colégio. Vôlei, principalmente” (Ti 8ª).*

Para Bracht (1992) falta a Educação Física filtrar as influências que recebe do meio ambiente, o que determinaria alguma autonomia na determinação do sentido de suas ações.

Belbenoit (*apud* Betti, 1997: 38), que diz que “o esporte não é educativo sob todos os planos, a menos que um educador faça dele ao mesmo tempo um objeto e um meio de educação”. Para alcançarmos a autonomia desejada, o esporte deve ser aquilo que o professor quiser que ele seja, enquanto prática cultural.

Assumir posturas relativas a mudança do paradigma de esporte na escola, requer um comprometimento que está além da simples incorporação de novos conteúdos. Esta transposição do “esporte na escola” para o “esporte da escola” (Vago, 1996), está atrelada a mudanças paradigmáticas nas concepções de educação trabalhadas na escola, que encaminharia mudanças no contexto social onde se trabalha. Para Betti (1997), o esporte pode ser uma prática de transformação social, principalmente quando o professor o encara como tal, e é o tratamento que a Educação Física Escolar dá a ele, a partir dos códigos e significados da cultura escolar, que no entendimento de Vago (1996) deveria constituir-se na tarefa da Educação Física.

Mas, como falar de mudanças nos paradigmas curriculares da Educação Física na escola a partir da cultura escolar, se essa está permeada pelos valores que são a base desses modelos?

A tarefa parece hercúlea e requerer mudanças superestruturais, não obstante, a tensão criada entre o conhecimento socialmente produzido e o conhecimento escolar, faz da escola um local de produção de cultura. Para a Educação Física implica em manter o “esporte instituição” e o “esporte escolar” em relação de permanente tensão, questionando no primeiro, “aqueles valores e códigos que o tornaram excludente e seletivo”, para depois “dotá-lo de valores e códigos que privilegiam a participação, o respeito à corporeidade, o coletivo e o lúdico” (Vago, 1996: 12). Produzindo a sua cultura esportiva, a Educação Física escolar estará apta a intervir na cultura esportiva da sociedade.

Estariamos começando a promover as mudanças superestruturais, das quais falávamos há pouco, modificando inclusive os significados do espaço físico. Os movimentos da totalidade social levam a modificação das relações entre os componentes da sociedade, alterando os processos, levando-os a novas funções (Santos, 1982). Se o espaço escolar retrata nossas relações pedagógicas através da sua arrumação e organização (Freire & Costa, 1986), então novas relações trariam uma nova arrumação e nova organização. Podemos perceber como o espaço rege nossas ações quando assistimos as aulas do segundo e quarto professores. Os próprios professores confirmam nossas impressões quando dizem, “dentro da proposta da escola, das atividades, leva-se muito em conta a estrutura física que se tem” (2º professor) e “é sobre o espaço físico. Porque tu não pode... imaginar uma coisa que tu não vai fazer na escola” (4º professor).

Segundo Santos (1982), o produto do trabalho do homem, impõe-lhe uma práxis que governa os seus movimentos e determina o modo como ele agirá. Esta práxis faz parte da lei do movimento geral da sociedade que faz o movimento geral do espaço.

Toda educação implica em compromissos mais ou menos tácitos daqueles que estão envolvidos no processo formativo. Cabe a cada um neste processo, decidir com quem gostaria de se comprometer, e assumir as conseqüências de suas escolhas.

Comprometer-se com a sociedade urbano-industrial, que delimitou o campo de atuação das pessoas que trabalham com educação, relegando-as a um papel subalterno e outorgando-lhes o direito a reproduzir a ordem social, com a Educação Física desportivizada como um de seus mais eficazes instrumentos; ou comprometer-se com a construção de um espaço, como coloca Santos (1982: 27), “verdadeiramente humano, de um espaço que possa unir os homens para e por seu trabalho, mas não para em seguida dividi-los em classes, em exploradores e explorados; um espaço matéria inerte que seja trabalhada pelo homem mas não se volte contra ele”.

Bibliografia

- ANDRÉ, M.E.D.A. *Etnografia da prática escolar*. 3 e., Campinas: Papyrus, 1999.
- BAECKER, I.M. (Coord.). *Um estudo sobre os valores que permeiam a prática pedagógica na Educação Física: na relação professor-aluno; na tematização dos conteúdos; nos procedimentos metodológicos; na prática avaliativa*. Santa Maria: UFSM, 1997. Monografia de Especialização.
- BETTI, I.C.R. Reflexões a respeito da utilização do esporte como meio educativo na Educação Física escolar. *Kinesis*, Santa Maria, n.15, 1997.
- BETTI, M. Mídia e educação. In: Seminário Brasileiro em Pedagogia do Esporte. *Anais...*, Santa Maria: UFSM, 1998.
- BORSARI, J.R. et al. *Educação Física da pré-escola à universidade*. São Paulo: E.P.U., 1980.
- BRACHT, V. *Educação Física e aprendizagem social*. Porto Alegre: Magister, 1992.
- CASTELLANI FILHO, L. *Educação Física no Brasil: a história que não se conta*. Campinas: Papyrus, 1988.
- CHIZZOTTI, A. *Pesquisa em ciências humanas e sociais*. 3 e., São Paulo: Cortez, 1998.
- COLETIVO DE AUTORES. *Metodologia do ensino de Educ. Física*. São Paulo: Cortez, 1992.
- DAOLIO, J. Os significados do corpo na cultura e as implicações para a Educação Física. *Movimento*, Porto Alegre, a.2, n.2, 1995.
- FEIL, I.T.S. Pesquisa etnográfica: ainda um mito para muitos. In: *Caderno de pesquisa do programa de mestrado em Educação*. Santa Maria: UFSM, n.65, 1995.
- FREIRE, J.B. *Educação de corpo inteiro: teoria e prática da Educação Física*. São Paulo: Scipione, 1989.
- FREIRE, M. & COSTA, E.A.P. da. Dois olhares ao espaço-ação na pré-escola. In: Moraes, R. de (Org.). *Sala de aula: que espaço é esse?* Campinas: Papyrus, 1986.
- GUEDES, D.P & GUEDES, J.E.P. Sugestões de conteúdo programático para programas de Educação Física escolar direcionados à promoção da saúde. *Revista da APEF*, v.9, n.16, 1994.
- HILDEBRANDT, R. & LAGING, R. *Concepções abertas no ensino de Educação Física*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1986.
- KUNZ, E. *Educação Física: ensino e mudanças*. Ijuí: UNIJUÍ, 1991.
- _____. *Transformação Didático-Pedagógica do Esporte*. Ijuí, UNIJUÍ, 1994.
- SANTIN, S. *Educação Física: temas pedagógicos*. Porto Alegre: UFRGS, 1992.
- SANTOS, M. *Pensando o espaço do homem*. São Paulo: HUCITEC, 1982.
- TANI, G. et al. *Educação Física escolar: fundamentos para uma abordagem desenvolvimentista*. São Paulo: EDUSP, 1988.

TRAPP, W.O. A Ocupação do Espaço Físico na Escola. In: Carvalho, S. (Org.). *Comunicação, movimento e mídia na Educação Física - Caderno I*. Santa Maria: UFSM, 1993.

VAGO, T.M. O “esporte na escola” e o “esporte da escola”: da negação radical para uma relação de tensão permanente. *Movimento*, Porto Alegre, a.III, n.5, 1996.